



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA S. FRANCISCO, 15 e 17

PROPRIETARIO, DIRECTOR E EDITOR
Hilario Candido Barreiros d Oliveira

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIP. DO CENTRO DE NOVIDADES — R. D. ANTONIO BARROSO 134 A 140 — BARCELOS

O CAVADO

SEMANARIO LITERARIO

ASSINATURAS:—Ano 1:200, pelo correio 1:400; semestre 600, pelo correio 700; trimestre 300, pelo correio 350. Avulso 30. Brasil e Africa 2:000.

Pró-humanidade

A Delegação da Cruz Vermelha em Barcelos

Está definitivamente organizada, nesta vila, a delegação da Cruz Vermelha, graças aos esforços, aos alevantados sentimentos humanitários de alguns filhos de Barcelos, que, sendo dos mais modestos... foram dos maiores pelo sentimento afectivo, moral e humano que manifestaram trabalhando por uma obra de emoção sentimental tão profunda, como é, na verdade, a obra a que se propõe a Cruz Vermelha Portuguesa.

Quem ha por ai que, no momento grave que a nossa nacionalidade atravessa, não abra os olhos d'alma e a voz do coração para ver e ouvir os gritos angustiosos e aflitivos daqueles portugueses, em cujas veias inda corre o sangue fidalgamente nobre dos de Ourique, Aljubarrota e Montes Claros, os quais no campo da batalha destraldando o pendão glorioso das quinas, empunhando a espada gigantesca e nobre dos nossos avós, vão, na guerra, ao lado dos aliados, combater, lutar, num esforço heroico e grandioso pela Independencia deste Torrão Natal á beira-már plantado, por esta ditosa Patria nossa amada?!

Alma de portugueses, oh! nobre gente luzitana, abri os portões armoriais da Nossa Historia, desfolhai, uma a uma, as paginas de ouro e luz da nossa epopeia; vêde, no além distante, no outro-ra, no passado, por entre as ameias dos nossos Castelos, por entre as ogivas complicadas e rendilhadas—manifestações sublimes de Arte e Sentimento—dos nossos mosteiros—baluartes arquitectónicos onde a alma luzitana vive imorredouramente—vêde, diziamos, o nosso antigo nome gravado pelo cinzel da Fama e da Gloria a encher de jubilo e coragem, de heroismo, de fé latente e inabalável... os nossos peitos de portugueses, os nossos corações de luzitanos, a nossa propria alma de Aventureiros, de Sonhadores, de Meridionais!

Mulheres da nossa terra, oh! almas brancas de neve, oh! Mães, Filhas, Irmãs, de todos nós portugueses, acendei no vosso peito, todo Amor, todo Bondade, aquele sentimento Cristão que, feito Ca-

ridade, socorre os desventurados, os famintos, os pobresinhos! Vestidas de branco, pombas aladas, correi em bandos pressurosos, ao campo da batalha: Levai nos vossos labios rosados, frescos, a palavra de conforto para os feridos da guerra, para os vossos maridos, pais, irmãos e filhos!

Socorrei-nos, vós, oh! lindas luzitanas. E que, quando lá longe, no campo da luta, ao soar o clarim, ao ribombar do canhão, cairmos por terra, feridos de morte, que sejam as vossas mãos de enfermeiras que suavisem nossas dôres. Batalhamos, lutamos pela Patria. Sois, como nós, descendentes da luzitania antiga. Como nós deveis lutar. Empunhamos a espada, combatemos... caímos por terra feridos...

Que sejam os vossos labios que, na hora de perigo, nos paroxismos da morte... nos osculem num beijo perfumado e quente de Saudade e de Fé, para morrer-mos mais crentes, de que a Patria Portuguesa... não baqueará, e que o nome portuguez hade viver perenemente através a historia, através as gerações vindouras.

LITERATURA

A minha terra natal

A meus primos dr. José Beleza e coronel Domingos Beleza.

Barcelos! Ei-la a minha terra natal, risonha, carinhosa, a encher a minh'Alma de artista e de sonhador—talvez de louco, de visionario—Je recordações saudosas do Passado, do Outrora longinquo, enorme, distante, que se dilue, esbate, em Penumbras de Saudade, em Sombras vagas, indefenidas, que se estendem até ha 26 anos!..

Bêrço onde nasci, brandamente embalado pelas aguas cantantes do Cávado, Barcelos eu te saúdo e rendo o meu preito, a minha veneração.

Sou um filho teu que te abandonou—ha tanto tempo—e que hoje ao cabo duma jornada de vinte e seis anos, que fez pela vida, vem qual romeiro, encostar-se ao bordão do Passado, a teus pés, beijar-tos tão religiosamente... como antigamente os fleis subiam as vertentes do Gol-

gotha para prestar culto a Deus Nosso Senhor!..

Ao sentir-me, agora, por momentos, que passam rapidos, no teu seio, que de recordações, de reminiscencias não acodem ao meu espirito! Sonho, deliro! Cerro os olhos da cara... os da Alma veem mais longe. Levam-me até Casal de Nile, onde nasci. Ouço o soluçar do rio, o gemer sentido e profundo do vento dencontro ao arvoredado, o murmuro dolente da agua da fontesita!.. Sinto-me bafejado carinhosamente pelo halito perfumado dos beijos de minha mãe. Aconchego-me ao seu colo. Sinto-me apertado pelos seus braços. Depois... vejo os que me viram nascer e a quem a Morte já arrebatou da terra... sepultando-os, para sempre no meu espirito, onde se acoitam, nos escaninhos do meu peito, á sombra da minha propria Alma. Reso... sonho... deliro... Oh! como vai longe o tempo em que estes meus sonhos foram realidade!.. Então... eu tinha um lar, um bêrço. Rodeavam-me meus Pais, minha Avó, meus Tios. Hoje—pobre de mim!— não tenho senão a minha Alma, envolta em esclavinas enegrecidas pela Magua, pela Dôr, feitas Saudade!..

Arrastei-me pela vida fóra, dencontro ás penedias escabrosas do Infortunio. Meus pés de peregrino ensanguentaram-se sobre o piso aspero da estrada—caminho deserto—da Vida que passei. Na minha Alma a minha Infancia perpassava, instante a instante, feita Sonho, Penumbra!

A's vezes quando o desalento vencia o meu estoicismo d'Alma eu via correr a meus pés o Cávado, soluçante, passando a resar, em religiosos murmúrios, cavatinas dulcissimas que eu escutava sentidamente e que abriam no meu peito algares profundos onde a Saudade gerou o meu Sentimento de Artista!..

Via correr as aguas do rio... Nasciam nos meus olhos lagrimas—aguas nascentes da Saudade do Passado.

Volvo á realidade. Ajoelho a teus pés, oh! minha Terra Natal, reso...

Vou continuar o meu caminhar de peregrino, e, inda que longe de ti, eu saberei invocar o teu nome, que encerra dôces recordações, e o gravarei na friesa mar-

Quadras sôltas

No amigo certo Julio Rocha.

*Olhos lindos, lindos olhos,
Tão lindos como o luar:
Confiae a outros olhos
Vossas dôres, vosso penar.*

*Olhos tão cheios de brilho,
Olhos tão prenhes d'encanto;
Contae ás aguas que correm
As causas do vosso pranto.*

*Oh! mar, oh! mar bonançoso,
Oh! bêrço das minhas maguas,
Embalae este meu corpo
C'o rumôr das vossas aguas.*

*Eu rio, quando descubro
Lagrimas nos olhos teus,
Porque, chorando pareces:
A Virgem, a mãe de Deus.*

*Pombinhas da minha terra
Oh! pombas do meu pombal,
As vossas penas, pombinhas,
São a causa do meu mal.*

*A luz fôska do sol pôsto
Vou sentar-me á beira-mar,
Segredar ás salsas ondas
As causas do meu penar.*

Barcelos.

JOÃO D'ALMEIDA.

mórea do meu Viver de Sonhador a letras de Saudade unvida de Pranto, Mágua e Dôr. E quando a Mão de Deus cortar para sempre o fio da vida Material que na Terra vivo... que seja o teu chão que sepulte os ossos deste teu filho, o mais humilde, o mais pobresinho, mas dos mais dedicados, sinceros e admiradores.

Armando Campelo Ferraz de Boaventura.

CORAJEM

(Capitulo V do livro em preparação «Escola do Carater»)

Então Popedio, perdendo a paciencia, tomou-o nos braços, conduziu-o ao ponto mais alto da casa, suspendeu-o ali de uma janela e declarou-lhe que ou ela acedia ao pedido que lhe era feito ou o precipitava no espaço.

Caíão a nada se moveu, o que fez dizer a Popedio:

—É uma felicidade ele ser ainda criança; com esta corajem, com esta firmeza de carater, se fóra já senador, nada tínhamos a esperar d'ele.

Foi-o depois...

E antes de sairmos de Roma.

As subzistencias tinham chegado ali o

O Enterro do Lavrador

*Olha, tudo acabou... E ainda ao fim,
com a morte no olhar, dizia aos filhos:
—Andae de alma lavada e por bons trilhos;
e a não lenbrardes Deus, lembrai-me a mim.*

*E expirou. Tão cansado, quando eu vim
achei a casa em gritos; junto a uns milhos,
as luzes alongando a sombra e os brilhos;
e ele no somno do regresso, emfim...*

*Hontem de tarde, então, foi o enterro.
Levava contra o peito, sós, de ferro,
as mãos do seu trabalho honrado e forte.*

*E fez-me pena pena vê-la, comovida,
à terra que ele amou em toda a vida,
a abrir-lhe os braços maternas na morte!*

ALFREDO GUIMARÃES.

um preço excessivo e receava-se por isso que o ano fosse de fome.

Os tribunos, maus magistrados, que se valião das calamidades publicas para aumentar o seu poderio, fazião quanto podião para incitar o povo contra o senado e assim, seguidos por um grande numero de cidadãos seus dignos émulo, quizêrão forçar o consul Cipião Nazica a tomar certas medidas com relação aos trigos.

Este grande homem opoz-se porem tenazmente, acabando por se recuzar a ler o memorial que em tal sentido lhe apresentávão por o considerar antecipadamente contrario ao espirito da constituição republicana.

Dirijiu-se pois á assembléa do povo começando por espôr os motivos da sua não annuência.

De repente é interrompido por murmurios e gritos que o incomodão; então, com um tom de autoridade que n'ele plenamente se justificava, exclamou:

—Cidadãos, calai-vos, que eu sei melhor que vós o que é necessario á Republica.

Todos fizêrão silencio conservando-se d'aí em diante em respeitosa attitude, e a serena gravidade d'esse homem (conclue um historiador), fez mais impressão no auditorio que o assunto aliás importante que ali os congregava.

É que, como disse De Bonald, a razão é a primeira autoridade, e a autoridade só por si, a ultima das razões.

E Socrates? N'este, quando outros motivos de corajem não houvesse merecedores de admiração jeral, tínhamos a que mostrou no ato da sua morte, bebendo tranquilamente a sicuta homicida.

É que espectáculo não deve ser esse de vêr um homem superior como Socrates dar-se por suas proprias mãos á morte a que o havião condemnado outros homens que de nenhum modo se podião equiparar a ele, nem sob o ponto de vista intelectual nem sob o ponto de vista moral, n'este muito menos ainda que n'aquelle, visto que atravez de toda a historia só se encontra um homem que lhe fique sobranceiro, isto é: Cristo.

A firmeza de animo é a maior prova de corajem que se pode ostentar, bem mais para aplaudir e enaltecer que todas as de carater material possiveis e impossiveis, donde vem dizer-se que homem corajozo não é o que mais pezos ergue mas sim aquele que as vence a si mesmo

Um capitão holandez chamado João Scaffelaar comandava a torre de Barneveldt em 1482. Puzêrão-lhe cerco intimando-o a que se rendesse. Negou-se, dizendo que só o faria quando já não pudesse resistir.

Quando esse momento chegou os sitiantes reclamãrão aos sitiados que lhes atirassem o capitão do ponto mais alto da torre, graças ao que serião poupados.

A guarnição declarou que preferia morrer toda a aceitar um tal proposta.

Então Scaffelaar, abraçando-se a alguns dos seus companheiros que se encontrãvão mais proximos, disse:

—É forgozo que eu morra um dia e com certeza nunca se apresentará para isso uma ocasião tão util, visto que morrendo vos salvo.

E precipitou-se ele mesmo do alto da torre.

Já na *Vida de Cezar* contou Plutarco o seguinte, que havendo um famoso capitão surpreendido um navio d'esse imperador o aprizionára, passando a tripulação toda a fio d'espada, e querendo escetuar d'esse rigor a Granius Petronius que vinha de ser nomeado questor, este lhe respondeu que o costume entre os soldados de Cezar não era aceitar a graça de viver mas sim concedel-a, e puxando pela sua propria espada com ela se matou

Não resta duvida alguma que estes rasgos de corajem são sublimes; ha simplesmente que lamentar uma couza: não collocarem taes homens a sua grande alma ao serviço de cauza não de morte, como é a guerra, mas sim de vida, como é a Bondade e o Amor

O que vale é que, como diz uma escritora de merito com verdade, o brilho de uma vitoria campal, em que prevaleceu o mais forte da força fizica, nos interessa e enternece muito menos hoje do que o heroismo patentado no trabalho, na dor e na abnegação, em que perluza e vence a força moral do carater.

(Conclusão.)

Luiz Leitão.

CONTOS

Cinco reis ás almas e um chave ao Diabo

Todas as vezes que passava ás alminhas do Chouso, o tio Roque botava na caixa das esmolas cinco reis para as almas e um chave — uma moedinha de tres reis, para o diabo.

Tio Roque lá tinha suas razões. De todas as vezes que lhe falavam na sua excentricidade ele repontava sempre:

—Deus é bom, mas o diabo tambem não é mau!

Até que um dia nas encruzilhadas do Cano-d'Agua appareceu-lhe lá um figurão muito original que elle reconheceu logo pelos pés de bode ser o diabo em pessoa.

Tio Roque que era muito prasenteiro tirou logo o seu chapéu e saudou-o: —Senhor Diabo, muito boas tardes!

O Diabo retribuiu sorridente:

—Muito alegres, amigo Roque!

E entabolaram logo paleio. Diz-lhe o Diabo:

—Pois eu vim hoje de propósito cá até á terra para te fazer um convite. É que te sou extremamente reconhecido por causa daquelle chavosito que me dás de todas as vezes que lanças cinco reis ás almas. Por isso venho convidar-te a vires ao Inferno jantar comigo. Ha lá um banquete...

Tio Roque começou a coçar a cabeça:

—Eu sei hó! Será muita honra! E quando é isso?

—Amanhã.

—Bem: Eu sempre vou primeiro consultar o sr. Padre Izé, e, se ele não disser que tal...

—Apareces aqui á mesma hora de hoje.

—Ás tuas ordens amigo Roque.

—Senhor Diabo muito boas tardes.

E lá foi Roque consultar o sr. Padre Izé Velho.

Exposta a conversa havida, disse o padre: Home! eu não vejo inconveniente em tu ires até lá dár um passeio, visto que és amigo do demoiço. Mas tem-te nas tuas tamancas! Ouvês? Diz-lhe: «vou jantar contigo mas tens de me vir pôr onde me vieste buscar.» E estimo que gozes muito.

—Bem: adeus sr. Padre Izé! Quere alguma coisa p'ra lá?

—Visitas, muitas visitas a todos.

—Lá serão entregues.

—Boa viagem.

A' hora marcada apparecem nas encruzilhadas do Cano d'Agua o amigo Roque todo engratado, de chinélas novas e com uma cachei-ná de sobreiro debaixo do braço. Logo dentre umas touças de mato e pinheiros saiu o Diabo muito lépido:

—Eh! vamos lá?

—Olareques: é já!

Mal o Diabo lhe passou os gatásios — aqui-lo foi um berlante: appareceu logo a grande portaria do Inferno.

—Ui! — disse o Roque — o que aí vai de poviteu! Ele parece a feira de Barcelos!

—Crêdo! é assim todos os dias — isto é casa muito frequentada.

A pretexto de que o jantar não estava ainda pronto disse o Diabo:

—Caro Roque: dá cá o teu braço e vamos dar um passeio pelos meus dominios. E lá se foram por sobre os abismos formidaveis. Chegaram a certa altura e o Diabo apontou-lhe um condemnado que se estorcía na sua cama de labaredas:

—Conheces?

—Não: nunca o vi mais gordo.

—E aquella?

—Tam'em não.

Foram andando, andando até que, lá diante, o Diabo apontou-lhe outro condemnado:

—E aquele? Conheces?

—Não.

—E aquella mulher?

—Aquelle?... Tenho ares dela: deixa-me ver se me acordo... Mas o Diabo não se deteve; e sempre de braço dado lá o levou por sobre o imenso abismo, até que, já muito longe, Lucifer tornou a apontar outro habitante daquelle antro medonho:

—E aquele?

—Aquele... Espera: aquele é meu pai!

—E aquella, conhece-la?

—E' minha mãe. Como vieram eles aqui parar?

—Escuta: vêes aquella cama ali reservada?

—Vejo.

—Sabes p'ra quem é?

—Não.

—Pois é p'ra ti. Mas se tu não quizeres vir... pode-se arranjar isso.

—Pois já se vê que não quero vir. E porque é que eu hei-de vir aqui malhar com o canastro?

—Porque estás a usufruir bens roubados. Vistes aqueles primeiros velhos que te apontei? Eram os teus visavós, que foram os roubadores; aqueles outros os teus avós, e estes ultimos conhece-os tu bem. Meu Roque se cá não queres dar c'os ossos restitue esses bens.

—A quem? Eu sei lá a quem hei-de restitui-los!...

—Ao teu criado.

—Como, ao meu criado?

—E' o ultimo representante dessa familia a quem teu visavô roubou. E quanto ao mais, meu velho, eu trouxe-te cá apenas p'ra tu veres isto e salvares-te se quizeres, porque aqui não ha banquetes nenhuns.

Agora se queres ficar...

Não, não, vai p'ró canudo! Quero mas é que me leves onde me foste buscar.

Sua senhoria, então passou-lhe as luvas, abriu sobre os abismos as suas grandes azas de morcego formidavel e, num berlante, pô-lo nas encruzilhadas do Cano d'Agua.

Roque muito alheado disse-lhe:

—Obrigado! obrigadinho!

E seguiu a cambalear como um ébrio até á aldeia. Ao passar ás Alminhas do Chouso botou na caixa um chave ás Almas e cinco reis ao Diabo. Porque afinal quem lhe apontara o caminho da salvação? Ora mandava a justiça que se galardassem os trabalhadores consante os serviços.

Ao chegar a casa disse logo ao criado:

—Ó moço? Deixa cá ver essas tuas roupas velhas por esmola. Toma lá estas; e de tudo isto que até aqui era meu és tu agora o dono.

O rapaz arregulava muito os olhos:

—Ó patrão! a modos que yomecê não vem bô!... Que denalho é isso?

—E' o que eu digo! Isto é tudo teu. Acabo de saber que estes bens pertenceram a um teu antepassado e foram-lhe roubados por meu visavô. Cá eu não quero nada que me não pertença. Toma conta. Eu ficarei de teu criado.

—Na! não pode ser.

E o moço pôs-se a coçar a cabeça e a remoer lá por dentro uma idéa uma grande idéa salvadora:

—O' tio Roque? tive agora uma lembradura.

—Que é?

—É eu casar com a Rósinha, com a sua filha, e fica tudo como dantes.

—Valeu, rapaz, valeu.

E aí está como o Roque, ficando sempre na posse dos bens, os restituiu a seu dono e salvou a alma!

Manuel Boaventura.

PERGUNTA-SE!

Para onde vamos neste caminho de desgraça e de miséria?

Para que servem as comissões de subsistencias?

—Onde estão elas?

Quando se acode a esta tristissima situação?

Que fazem os srs. governantes?

Quando terminará a infamissima exploração?

Musa do "Cavado,"

*E' meu peito lousa rara,
E' meu peito folpa de hera,
Onde mão gentil gravara
Esta só palavra: Espera!*

*Esperar bem eu espero
Confiar bem eu confio;
Mas de esperar: desespero,
De confiar: desconfio!*

Noticiario

Padre Rodrigo Fontinha

Onde se levanta a voz autorizada de Alguem, quer seja no Templo Cristiano, na Sinagoga, no tablado dos comícios, no palco dum teatro, corremos pressurosos a ouvi-la.

A voz de Alguem ilumina o cerebro em cintilantes reflexos de luz.

Fomos ouvir a oração do sr. P.º Rodrigo Fontinha, ha dias proferida na igreja matriz desta vila. Com o profundo e religioso respeito que sempre temos pelas crencas dos outros, entramos na igreja e ouvimos o belo discurso do consagrado orador. Ouvindo-o não sabemos mais que admirar: se a fluencia oratoria do orador se a sua cultura intelectual. E' um Mestre, e, como tal, lapidador da lingua portugueza. Nós, embora noutro campo religioso — quem sabe se até no mesmo campo de doutrina universal? — das colunas do nosso semanario rendemos a s. ex.ª o nosso preito, a nossa admiração.

Paulo Osorio

A sua conferencia em prol das reivindicações da classe dos caixeiros portuguezes.

Foi brilhante a conferencia que o sr. Paulo Osorio fez, a convite da classe dos caixeiros de Barcelos, na Associação dos Bombeiros Voluntarios desta vila.

O illustre conferente prendeu durante mais de uma hora a atenção do seu auditorio, composto por camaradas seus e por pessoas de diferentes situações sociais.

Mostrou o sr. Paulo Osorio, no seu bello estudo, ter uma intelligencia bem cultivada, a par duma copia grande dos modernos conhecimentos scientificos. E para illogiar sempre — como muito bem disse o sr. dr. Cardoso d'Albuquerque que presidiu a sessão — quem, entre nós soube conseguir instruir-se, elevar-se por si só, com o esforço intrinseco da sua vontade, com a inergia máscula do seu «querer».

Ouvindo a conferencia do sr. Paulo Osorio, temos a admiracao pelo lutador, pelo paladino entusiasta e firme que, com o seu estudo aturado, a sua vontade inergica, indomavel, consegue trabalhar por um Ideal que reputa o unico capaz de engrandecer, alevantar o nivel moral duma classe, que muitas simpatias nos merece, e que, inda, se encontra uma esfera social um pouco decadente... merecê, exclusivamente, da falta de inergia, de educacao de vontade.

Não vamos discutir alguns pontos abordados, na conferencia, pelo sr. Paulo Osorio.

Diremos, apenas, que o seu trabalho é daqueles que merecem os mais rasgados encomios de todos os que, a dentro as moralhas deste Paiz, pretendem elevar, alevantar e erguer do marasmo terrível em que nos encontramos, todas as classes sociais portuguezas que o mesmo é levantar e erguer o pendão sublime da liberdade, daquella Liberdade a que o sr. Paulo Osorio fez referencias, que todo o espirito culto faz pelo mais sublime Ideal, a maior reindivicação de todo o mundo social.

Antonio Cardoso

Som quebra das nossas intimas relações de simpatia e apreço, deixou de colaborar no nosso semanario, o nosso talentoso amigo sr. Antonio Cardoso, que no *Cavado*, sob o titulo «Critica Barata», fez brilhar a sua pena de jornalista e de literato dos mais illustres do nosso meio.

Não sabemos quais os motivos que levaram Antonio Cardoso a abandonar a interessante secção que inteligentemente dirigia no *Cavado*.

Posto que uma ou outra vez a sua prosa fulminante de *verve*, de humorismo contundente, merecesse a censura de *censores* não profissionais, o certo é que temos pena da ausencia de Antonio Cardoso.

Essa secção, para nós, era das mais interessantes que o *Cavado* publicava, não só por ser literariamente modelar... como também porque... o seu humorismo, vestindo a tunica leve da ironia e da Graça subtile, tinha o grande condão de *morder*, *firir*... a rir, sem que os dentes da hipocrisia, da calunia ou do veneno barato... fossem os instrumentos incisivos... desses golpes, dessas feridas.

Temos esperança ainda de que Antonio Cardoso volte de novo ás nossas colunas que, de par em par, se abrem para o receber.

Armando Boaventura

Deu-nos a honra da sua visita a esta redação o sr. Armando Boaventura, illustre jornalista e famoso caricaturista — pintor.

O insigne artista, que é um conterrâneo nosso, pois nasceu na Quinta de Casal de Nile, a dois passos de Barcelos, e é muito proximo parente das familias Ferraz, Belezas e Campelos — hospedou-se em casa de seu primo o sr. Adriano Perestrelo.

A. Boaventura é uma criança ainda: tem apenas 26 anos; e, não obstante é já um nome consagrado, não só nas Letras como na Arte. Nas Letras debutou com um panfleto demolidor: era o *Cautério*, de Leiria.

Na Arte é um original e o futuro sorrilhe benevolmente. Tivemos marê de admirar tres das suas obras mais celebres: são tres expressões fisionómicas, — como diremos? — tres retratos de almas, dos illustres poetas Guerra Junqueiro, Camilo Pessanha e Mário Beirão.

Estes trabalhos não pertencem ao género caricatural e estão longe da pintura a óleo. Mas por um processo de que o insigne artista tem o segredo, lembram as realissimas telas de Goya e os preciosos specimes das pinturas antigas.

Não obstante um profano confundirá o colorido finissimo daqueles lápis maravilhosos com as tintas e óleos que o genial Malhoa usa para as suas telas celebres.

Esquecia nos já dizer que este já hoje nosso querido Armando Boaventura é primo também do nosso queridissimo colaborador M. Boaventura que todos os nossos presedos leitores já conhecem; e foi ele até quem nos apresentou ao talentoso artista, seu parente.

Expressamente escritas para o *Cavado* ai teem dêle umas impressões de Barcelos, escritas aqui na nossa redação. — E não calcula o leitor a espantosa facilidade com que ele escreve!

É mais um colaborador literario e artistico que vem honrar as colunas do *Cavado*. Regosijamo-nos com isso, e com certeza os nossos leitores se regosijarão também.

Armando Boaventura retirou para o Porto, onde vai fixar residencia, na passada quarta feira.

Para quem viveu em Lisboa, entre os intelectuais mais famosos, ha de custar um pouco a vida, muito diferente, do Porto.

Que o nosso novo e querido amigo se veja sempre cercado de prosperidades e se não esqueça nunca do *Cavado*...; são os nossos ardentes desejos.

Dr. João d'Almeida

Vem honrar hoje as colunas do nosso semanario um nome illustre de homem de letras e de ciencia. É ele o sr. dr. João d'Almeida, distinto quintanista na faculdade de medicina, que se encontra atualmente entre nos.

A sua composição inedita, que hoje inserimos, deixa ver claramente o grande sentimento de artista e de poeta do sr. dr. João d'Almeida.

As quadras inseridas, teem a suavidade melodiosa dum canto de Alma, são cavatinas dulcissimas, soltas por um peito a abrirem em sentimentos de Harmonia.

Elas aí ficam gravadas nas colunas do nosso jornal para os nossos leitores apreciarem o sentimento artistico de quem as subscreve — um poeta e um medico.

Praticantes de finanças

Foram classificados, nos ultimos concursos, para praticantes de finanças, os nossos simpaticos conterraneos, srs. Eliseu Azevedo, Antonio Macedo Martins Lima, João Vieira de Castro, Domingos Guimarães Esteves, Alfredo Esteves da Costa e Avelino Aires de Azevedo Duarte.

A todos, os nossos parabens.

Notas da semana

Aniversarios natalicios.

Passa:

No dia 6: o da ex.^{ma} sr.^a D. Ema Roriz de Azevedo Baltasar.

Estiveram:

No Porto: os srs. dr. Moraes Campilho, Domingos Miranda, João Guimarães Esteves, Elizeu Azevedo, Julio Valongo, Manuel Ramos de Paula e José Ferreira Lemos.

Em Braga: os srs. dr. José da Silva Mon-

teiro, dr. Teotónio Fonseca, Manuel Pereira Esteves, Augusto Melo e Augusto Vieira, com suas ex.^{mas} familias; Arnaldo Salazar, José Henrique dos Santos Terroso, Miguel Martinho e ex.^{mas} irmãs, Ildio Lopes, Alberto Pereira Martins, Manuel Campelo, dr. José Belezas, Agostinho Moreira e ex.^{ma} sobrinha sr.^a D. Elvira Moreira, Alfredo de Barros Botelho, Manuel Ribeiro Meira e ex.^{ma} esposa, João Durães, José Vaz de Oliveira, Antonio Ribeiro Meira, Avelino Aires de Azevedo Duarte, João Pinto, Luiz Veloso, Emilio Vinagre, João Miranda e ex.^{ma} esposa e irmã, dr. Lima Torres e ex.^{ma} esposa, Fernando Marinho e ex.^{ma} esposa, Antonio da Silva Vieira e ex.^{ma} esposa e José da Graça Faria.

Em Melgaço: o sr. dr. Vieira Ramos.

Em Caldelas: os srs. Carlos Ramos e Antonio Figueiredo de Carvalho.

Em Mondariz: o sr. Visconde de Godim.

Em Barcelos: os srs. Antonio Albino Marques de Azevedo, Virgilio Esteves, dr. Manuel Tomaz de Bessa e Menezes, Antonio Julio Nogueira, dr. Alfredo Moraes de Almeida, alferes João Herminio Barbosa, dr. Arriscado de Lacerda, Antonio Macedo Martins Lima, Antonio de Souza Pinto, Avelino Roriz Pereira; alferes Manuel de Freitas, Anibal Duarte de Azevedo, Manuel Miranda, alferes Carmona Gonçalves, capitão Barbeitos Pinto, Manuel Maria de Figueiredo Carvalho, Carlos de Figueiredo Carvalho e ex.^{ma} esposa, Eugenio Ferreira e o nosso illustre colaborador Manuel Boaventura.

Doentes:

Tem passado mal de saúde a ex.^{ma} sr.^a D. Lucia Ramos, dedicada esposa do sr. Camilo Ramos.

ANUNCIOS

Banco de Barcellos

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

O dividendo de 2 e meio por cento, ou 1,25 por acção, do 1.º semestre do corrente anno, paga-se na sede do Banco, e em casa dos Ex.^{mas} Srs. Manoel Pereira Penna & C.^a, praça de Carlos Alberto, Porto.

Barcellos, 30 de Junho de 1916.

Pelo Banco de Barcellos

Os gerentes:

Domingos de Figueiredo Miguel Martinho de Faria

Editos de 30 dias

2.^a PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito desta comarca de Barcelos, e cartorio do escrivão do 5.º officio — Rocha Diniz, nos autos de inventario orfanologico, por obito de Roza Gonçalves da Fonte, casada, moradora que foi no lugar de Ariosa, freguezia de São Romão da Ucha, desta mesma comarca, no qual é inventariante sua sogra, Maria Roza Correia, do dito lugar e freguezia, correm editos de 30 dias, a contar da segunda publicação deste anuncio no Diario do Governo, a citar o viuvo da inventariada, João Ferreira de Macedo, auzente em par-

te incerta dos Estados Unidos do Brazil, afim de assistir a todos os termos ate final do inventario orfanologico por obito de sua mulher dita Rosa Gonçalves da Fonte, e nela deduzir os seus direitos, ou constituir advogado ou procurador na sede da comarca, que o represente, sob pena de revelia e do regular andamento do mesmo inventario, até final conclusão.

Barcelos, 21 de junho de 1916.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Monteiro.

O Escrivão do processo,

Julio Mendes da Rocha Diniz.

Editos de 30 dias

2.^a PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito desta comarca de Barcelos, e cartorio do escrivão do 5.º officio — Rocha Diniz, nos autos de inventario orfanologico por obito de Domingos Martins Cavalheiro, casado, morador que foi no lugar da Mostarda, freguesia de São João de Vila Boa, desta mesma comarca, no qual é inventariante a viuva sua segunda mulher, Elisa Augusta Vieira d'Araujo, moradora no dito lugar e freguesia, correm editos de trinta dias, a contar da segunda publicação do respectivo anuncio no Diario do Governo, a citar os interessados ausentes em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil: — Francisco Martins Cavalheiro, casado com Maria Rosalina Ramos, porem esta moradora na freguesia de Fajozes, comarca de Vila do Conde; e Alberto Martins Cavalheiro, solteiro, maior; afim de, na qualidade de herdeiros, assistirem a todos os termos até final conclusão do referido inventario por obito de seu pai Domingos Martins Cavalheiro, e nele deduzirem querendo os seus direitos, ou constituirem advogado ou procurador na sede da comarca, que os represente, sob pena de revelia e do regular andamento do mesmo inventario.

Barcelos, 24 de junho de 1916.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Monteiro.

O Escrivão do processo,

Julio Mendes da Rocha Diniz.

CENTRO DE NOVIDADES



Fernando Miranda & Irmão

134—RUA D. ANTONIO BARROSO—140 — BARCELOS

Papelaria e objectos de escritorio:—Papeis e envelopes de todas as qualidades. Sortido completo em todos os artigos. Livros em branco e riscados.

Livraria:—Romances, contos, literatura, etc. Obras sobre religião, arte, jurisprudencia, etc. Revistas e jornais ilustrados. Assinatura permanente de qualquer obra. Livros escolares.

Tabacaria:—Tabacos nacionais e estrangeiros. Boquilhas, cigarreiras, bolsas, etc. Isqueiros e pedras para os mesmos.

Perfumarias:—Sabonetes de todas as qualidades, perfumes, loções, pasta dentifrica, escovas, pentes, espelhos etc. Agua de colonia a retalho.

Postais ilustrados:—Sempre as ultimas novidades, em todos os generos. Albuns para postais. Cromos.

Tipografia e encadernação:—Todos os trabalhos tipograficos—cartões de visita e de luto, rotulos, facturas, envelopes, recibos, relatorios, anuncios, etc. Impressões a cores. Impressos

para os srs. Notarios, Escrivães de Direito, Professores, Juntas, Confrarias, Regedores, e particulares, etc. Encadernações, pastas, cartazes, etc.

Artigos diversos:—Loteria, Cordas para instrumentos, Cartas de jogar, Carimbos de borracha, Carteiras, bolsas, etc., etc.

Generos especiais de alimentação:—Chá e café, Cacao, chocolate, farinha Nestlé, maizena e outras, rebuçados, etc. Vinho sem alcool. Aguas minerais. Cerveja.

Preços sem competencia.

PEÇAM O JORNAL-RECLAMO, DISTRIBUIDO GRATUITAMENTE

Sempre novidades.

Companhia de Seguros «BONANÇA» Fundada em 1808

CAPITAL RS. 1.568:000\$000

FUNDOS DE RESERVA RS. 305:408\$000

SEGUROS MARITIMOS, TERRESTRES E AGRICOLAS

O agente em BARCELOS:

Gaspar Ferreira de Macedo Faria Gayo

Rio de Janeiro PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma, n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante comissões modicas—de receber e fazer PRONTA REMESSA de rendas de casas, juros, dividendos e amortisações de quaisquer titulos, pagaveis naquela capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalisa-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.ª e João Reynaldo, Coutinho & C.ª; em Portugal: no Porto com os Srs. Pinto da Fonseca & Irmão, e nesta vila com o Sr. Miguel Martinho de Faria.

“Padaria Maria Antonia,”

BARCELOS

O seu novo proprietario acaba de ampliar o seu estabelecimento, com secção de confeitaria, sortido-se de especialissimos vinhos maduros, conservas de toda a qualidade, finissimo queijo da Serra da Estrela, bolacha nacional e estrangeira, farinhas, massas etc.

Seriedade e modicidade de preços.

NOVO ESTABELECIMENTO COMERCIAL

DE

COSTA & VASCONCELOS

Rua D. Antonio Barroso

Rua Barjona de Freitas

BARCELOS

Grande sortimento de artigos para senhora.
Veludos inglezes e nacionais, sedas de cor e pretas lavradas para vestidos e blusas.
Chales de malha, Espartilhos, Agasalhos.
Flanelas, chitas, chales, cachenes, morins, panos crús, etc.
Esplendido sortido de flanelas nacionais e inglezas, tudo para fatos de homem.
Casimiras de cor, diagonais, picotilhos e cheviotes.
Padrões da maior novidade para fatos e sobretudos.

MIUDEZAS

Camisaria, Gravataria, Chapéus e Guardasoes.

Os Milhões do Criminoso

Interessantissimo romance
do popular escritor francez

Xavier de Montépin

2.ª EDICAO

Famoso romance, que a casa editora Belem & C.ª Succ., tem em principio de publicação, por assignatura, impresso em papel superior, e ornado de finissimas estampas francezas.

- 1.ª parte—O incendiario.
- 2.ª parte—O grande industrial.
- 3.ª parte—A luz da verdade.

Tomos de 10 folhas de 8 paginas 100 reis.

Cadernetas de 2 folhas de 8 paginas 20 reis.

Brinde aos assignantes.

A TENTADORA

Nova Merceria e Papelaria

DE

JOAQUIM VIEIRA DA COSTA

Rua D. Antonio Barroso, 64, 66 — BARCELOS

Neste estabelecimento montado nas melhores condições, encontrarão sempre os estimados freguezes grande sortido de chá, café, arroz, assucar, bacalhau, azeite, e massas de superior qualidade.

Bolacha fina e biscoitos de Valongo e Povoá.

Seriedade de preços!

Visitem este estabelecimento!

BAZAR DO POVO

DE

ARNALDO TORRES

Rua do Infante D. Henrique, 45 a 53 — BARCELOS

Neste estabelecimento encontra-se um completo sortido de camisaria, luvaria, e gravataria. Artigos de caça, papelaria e tabacos. Cambios, letras, selos, e papel selado.

Correspondente de todas as Companhias de Navegação para o Brasil, Africa e America do Norte.

Modicidade de Preços.